

N.º 1 em todo o mundo

James Patterson E CHRIS GRABENSTEIN

mais de 375 milhões de livros vendidos

EU CÓMICO

**o MAIS CROMO e
DIVERTIDO**

DE SEMPRE

6



Do mesmo autor das séries **ESCOLA** e **A CASA DOS ROBOTS**

booksmite

Capítulo 1



A PIADA QUE SE OUVIU EM TODO O MUNDO

Então, por acaso já estiveram no sítio mais errado, à hora mais errada?

Por exemplo, já tentaram contar uma piada a pessoas que não falam a vossa língua, o que quer dizer que nunca se vão rir porque nunca compreenderão uma só palavra do que estão a dizer?

Era por isso que eu transpirava que nem uma goteira em dias de tempestade.

Era por isso, também, que eu provavelmente nunca deveria ter aceitado o convite para falar nas Nações Unidas. Queriam que eu pedisse a todos os diplomatas ali reunidos que fossem simpáticos uns com os outros, para o bem das crianças de todo o mundo.



Acho que a última vez que estes tipos foram simpáticos havia cobras na sala.

Falando de missões impossíveis...

Sim, já fiz algumas coisas incrivelmente fantásticas na minha curta vida. Ganhei o primeiro concurso para comediantes de *stand-up* chamado O Miúdo Mais Cómico do Planeta, mesmo sem poder contar as minhas piadas de pé. Mas, na verdade, não estava a falar para todo o planeta, como agora; só para os Estados Unidos. Tenho o meu próprio programa de televisão, na BNC. E até já beijei algumas miúdas.

Mas, contar piadas que consigam fazer rir todos os 193 estados-membros da Assembleia Geral das Nações Unidas? É um pesadelo.

— Se pensarmos bem — dizia eu ao microfone —, nós, seres humanos, somos todos uma grande família.

Dezenas de intérpretes repetiram instantaneamente o que eu tinha acabado de dizer aos ouvidos de centenas de dignatários estrangeiros com ar de poucos amigos.

Comecei uma piada, para ver se os amaciava.

— Por falar em famílias felizes, há dias resolvi cozinhar o jantar para a *minha* família. Era para ser uma surpresa, mas os carros de bombeiros à porta de casa, de certa maneira, estragaram tudo.

Sorriso. Nervosamente. Espero que os intérpretes terminem de contar a minha piada em todos os tipos de línguas. Quando acabam, continuo a sorrir e a transpirar, mas ninguém se ri.

— Porque é que o miúdo pegou fogo à sua casa? — pergunta um dos delegados, num sotaque esloveno carregado.

— Ele está a pedir-nos para cozinhar para a sua família? — questiona uma senhora alemã.

— Objeto! — exclama o embaixador chinês. — A Família Feliz é um prato chinês e tem de ser cozinhado numa *wok* com rebentos de bambu!

— Ei, malta! — peço. — Era só uma piada!

— Como? — grita outra diplomata, batendo na mesa. — Esse miúdo acabou de dizer que o meu país é uma piada?

— Sinto-me insultado — grita o tipo da Eslovénia.

— Acabou a conversa! — grita a representante americana nas Nações Unidas, a senhora que me tinha convidado para falar. — Tirem-no do palco!

Finalmente, toda a gente nas Nações Unidas se uniu numa causa comum. Todos concordam com a mesma coisa: Eu Não Cómico.

Capítulo 2



O TÚNEL DO MEDO

Felizmente, foi aí que acordei.

Como eu estava a dizer, ir falar às Nações Unidas é um pesadelo. Só que tive este pesadelo em pleno dia porque fiz uma sesta rápida enquanto a equipa montava o cenário para a gravação do último episódio desta temporada do meu programa, *Jamix Comix*. É uma das coisas boas de estar confinado a uma cadeira de rodas. Temos sempre um lugar confortável para passar pelas brasas.

Durante o intervalo, o Nigel Bigglebottom, o ator inglês que faz de meu tio Frankie na série, preparou para si próprio uma caneca de chá e alguns biscoitos, a que ele chama bolinhos. Isto ainda me baralha, como chamar bica ao café. Todos os outros estão a beber água, café ou refrigerantes. Quando se trabalha numa



Isso mesmo, garoto!

Acho que ele está a pedir um café com leite em chávena pequena.



estação de televisão há bebidas e comida grátis por todo o lado.

— Nem acredito que esta vai ser a nossa última cena desta temporada! — exclama o Nigel, com um sotaque britânico impecável. Tudo o que ele diz soa a superioridade, embora ele seja muito amigável. Felizmente, ele consegue usar um sotaque nova-iorquino quando faz de tio Frankie, senão ia parecer bem estranho.

Na verdade, tudo parece meio estranho em ser a estrela de um programa chamado *Jamix Comix*, baseado na minha vida. Ainda bem que, pelo menos, os meus melhores amigos Joey Gaynor (aquele que tem cabelo comprido e um *piercing* no nariz), Jimmy Pierce (o grande cromo com um chapéu de feltro) e a Gilda Gold (a que tem cabelo encaracolado, um boné dos Boston Red Sox e é fanática por comédias), estão a trabalhar no programa comigo. Na verdade, a Gilda é a nossa realizadora. E também é minha namorada, mais ou menos. Acho. Não digam que eu disse isto.

— Estamos de volta — diz o Sr. Wetmore através dos altifalantes do teto, por cima do palco. O Richard Wetmore é o diretor técnico do programa. Fica na cabina de controlo, com todos aqueles botões,

interruptores e niveladores. «Estamos de volta» quer dizer que temos de voltar todos ao trabalho. A equipa já acabou de montar o cenário. O público que está no estúdio bate palmas. Estão ansiosos por nos verem filmar a cena final.

Para ser sincero, eu é que não estou lá muito ansioso por fazê-la. E não é por a última cena do último episódio significar que, durante o resto do ano, já não vamos voltar a fazer o nosso programa cómico.

Não. Estou com receio desta cena por outra razão.

Vai passar-se num parque de diversões. No Túnel do Amor. Sabem, aqueles passeios românticos em que navegamos por um riacho abaixo num bote balouçante, atravessando uma passagem muito escura.

Talvez não fosse tão mau se eu fosse o único em cena. Mas não sou. Vou estar no bote com a Donna Dinkle, a estrela de Hollywood que faz de Jilda Jewel. Sim, é a versão para televisão da Gilda Gold.

E adivinhem o que diz o guião que temos de fazer no fim da cena, quando vamos a sair do Túnel do Amor?

Pois. Temos de nos beijar.

Capítulo 3



SELADO COM UM BEIJO

Estou a transpirar, como é óbvio. Que grande espanto.

Quando beijamos alguém num programa de televisão, vários milhares de completos estranhos estão a assistir. E também o público no estúdio.

— Vou pôr mais um pouco de batom de brilho —
guincha a Donna Dinkle.

Ela adooooora as cenas beijoqueiras que os argumentistas estão sempre a introduzir nos guiões do *Jamix Comix*. Eu? Nem por isso.

— Tem sabor a algodão-doce — sussurra-me ela.
— É para combinar com o ambiente do parque de diversões. Espero que gostes.

Eu limito-me a assentir. Pelo menos, sinto-me contente por ela não se ter lembrado de arranjar um batom com sabor a cachorro com picles e ketchup.

Enquanto estivermos no túnel, uma equipa de maquilhagem vai encher-me a cara com marcas de batom. É para parecer que eu e a Jilda nos beijámos durante todo o tempo em que estivemos longe das câmaras!

Pode ser falso, mas os olhinhos que a Donna me faz não são.

— Pronto para entrar, Jamie? — pergunta a Gilda.

— Sempre — respondo, enquanto dou às rodas da cadeira e subo a rampa para embarcar no bote. Quando somos a estrela do programa, temos de trabalhar com um pouco mais de empenho do que os outros. E quando estamos numa cadeira de rodas, ainda mais. Literalmente. Haviam de ver os músculos dos meus braços.

Dois corpulentos auxiliares de palco agarram-me por baixo dos braços e depositam-me no bote. Depois de me instalar no meu lugar, prendem a cadeira ao fundo do bote com correias de segurança.

A Donna entra no bote e senta-se no banco de madeira.

Está nitidamente ansiosa por começar a cena.

— Isto lembra-me aquela viagem na Disneylândia — murmura a Donna. — O Mundo É Pequeno.

E depois começa a cantar aquela canção. Que tem o refrão assim: «*Afinal, o mundo é pequeno, pequeno, pequeno mundo*».



Uma e outra e outra vez. E outra e outra e outra.

«*O mundo é pequeno...*»

Felizmente, a Gilda grita:

— Silêncio no palco!

Toca uma campainha.

— Eeeee... ação!

O bote desliza para o túnel. Esqueço-me do que tenho de dizer. Também me esqueço do meu nome e da minha morada. Esqueço-me de tudo o que alguma vez aprendi, mesmo a apertar os sapatos, o que também não tem grande importância, já que atualmente só uso sapatilhas de enfiar nos pés.

Entro em pânico. Mas, felizmente, a Donna é uma profissional. Fez uma montanha de séries cómicas antes de a termos escolhido para entrar no *Jamix Comix*. Cobre a minha falha, dizendo uma versão adaptada da minha fala.

— Não, Jamie, não adorava que isto fosse o Túnel das Panquecas.

Aconchega-se junto à minha roda direita. O público do estúdio diz em coro, «Ooooooh!», daquela maneira que fazem sempre que adivinham uma cena romântica.

O bote dirige-se para a entrada escura do túnel. O público não consegue ver o que fazemos lá atrás. Por isso, continuam com os «Ooooooh!» enquanto a equipa de maquilhagem me carimba a cara com marcas de beijos, o que não é fácil porque a minha pele está escorregadia da transpiração. Dez segundos depois, o nosso pequeno barco sai do outro lado do túnel.

O público desata a rir, porque tenho a cara coberta de marcas de batom.

E a Donna põe-se em posição de me dar mais um beijo.

O público ri-se. A Donna beija-me... mesmo nos lábios. (Parece que é a única zona da minha cara sem batom. Os maquilhadores foram muito minuciosos.)

— Aaaaaah! — manifesta-se o público. Eu quase desmaio. As partes da minha cara que ainda não estavam vermelhas de batom passaram a estar.

Consigo lembrar-me da minha última deixa.

— E *agora*, já podemos ir ao Túnel das Panquecas?

O público desata à gargalhada. A Gilda grita:

— Corta! Está feito! Bom trabalho nesta temporada, pessoal!

O público faz-nos uma ovação de pé (coisa que não faço há anos a mim próprio).

A Gilda aproxima-se enquanto a equipa de palco me tira do bote.

— Foste brilhante, Jamie! — diz-me ela.

E então, também me beija! Na cara.

E agora fico com a cara roxa.



Capítulo 2



O AMOR ESTÁ NO AR. E O MEU CHEIRO A SUOR TAMBÉM.

Depois de a Gilda dar a gravação por terminada, um grupo de turistas japoneses desce até ao palco.

Espero que não sintam o cheiro da minha transpiração. Um dia destes, vou lançar a minha própria marca de desodorizantes, Eu Transpirado.

Parece que assistir ao programa *Jamix Comix* fazia parte do pacote VIP da sua agência de viagens, chamado «Hollywood em Nova Iorque». Conhecer-me também fazia parte do pacote VIP.

— Todas as receitas que recebemos dos pacotes VIP são doadas a instituições de solidariedade — explica a Latoya Sherron, produtora do meu programa.

— Fixe — respondo. Muito do dinheiro que fazemos no *Jamix Comix* vai para o Centro de Reabilitação Fundação Esperança, o hospital para onde fui fazer fisioterapia, logo a seguir ao terrível acidente de carro que me deixou numa cadeira de rodas. Os médicos de lá estudaram o meu caso e perceberam que o melhor remédio para mim era rir. Por isso, estavam sempre a dar-me livros de anedotas e DVD de comédias clássicas.

Salvaram-me a vida. Também me ajudaram a ser quem eu sou hoje. O mínimo que posso fazer é devolver um pouco do que me deram e tentar ajudar outros miúdos que ainda estão pior do que eu.

— Tu cómico! — diz o guia dos japoneses, enquanto o grupo me rodeia.

— Não — respondo. — Eu Jamie.

O guia traduz rapidamente.

Uma dúzia dos meus fãs japoneses desata a rir.

Por isso, faço um cavalinho e ponho uma cara cómica.

Agora, o riso duplicou. É verdade. O riso é uma linguagem universal. É algo que toda a gente faz da mesma maneira, onde quer que esteja. E se fizermos algo fisicamente engraçado, nem sequer precisamos de tradutor. É provavelmente por isso que o Charlie



Chaplin, o comediante dos filmes mudos, foi a maior estrela de cinema do mundo que já existiu.

Poso para as fotografias, assino um monte de autógrafos, faço mais uma cara cómica e regresso ao meu camarim (finalmente), para tirar todas aquelas marcas de batom.

O tio Frankie está à minha espera. (O verdadeiro, o especialista dos ioiôs, e não o ator inglês que faz dele no programa.) O tio vê a minha cara cheia de marcas de batom e assobia.

— Uau, Jamie. Quantos beijos exatamente é que a Donna Dinkle te deu quando estiveram os dois fora das vistas naquele túnel?

— Só um — respondo. — Os outros todos foi a equipa de maquilhagem.

Ele assente com a cabeça.

— Ah, estão caidinhas por ti, é isso?

Abano a cabeça e rio-me. Percebo que está a brincar.

— Bem, mas falando de amor — diz o tio Frankie, um pouco ao acaso, já que estávamos a falar de beijos e não de amor —, eu também tenho grandes novidades, miúdo.

— Vais entrar noutro concurso de ioiôs? (Quando era mais novo, o tio Frankie era campeão mundial de ioiôs. Agora diz que os ioiôs são «os *spinners* originais».)

— Nã — responde ele. — Isto é ainda mais importante.

— Vais acrescentar um hambúrguer triplo ao menu do restaurante?

— Ainda mais.

— Hambúrguer quádruplo? Quatro camadas de carne com queijo no meio?

— Nã. Eu e a Flora vamos casar! No próximo fim de semana!

Capítulo 5



CASAMENTO. RIMA COM FELIZ ACONTECIMENTO.

Flora Dennings é a bibliotecária da Escola Básica de Long Beach, onde eu ando quando não estou a gravar os programas de televisão. Ela é inteligente e simpática e gostei logo dela.

Não há muito tempo, eu e os meus amigos (com um empurrãozinho do tio Frankie) ajudámos a Flora a salvar a biblioteca de um diretor malvado, que tinha planos diabólicos para transformar o coração da escola (é isso que é uma biblioteca) numa sala de treino para a sua equipa de *wrestling*. Esse agora já é *ex*-diretor por causa de todos os seus esquemas e planos diabólicos.

— Jamie — diz o tio Frankie, olhando-me com um ar supersério. — Quero que sejas o meu padrinho.

— Pa-pa-padrinho? Mas eu sou só um miúdo. Nem sei se, oficialmente, posso fazer isso, ainda por cima contigo. Isso não é contra as regras?

— Regras, balelas. Quero que dê este importante passo ao meu lado.

Não resisto à bola cómica que o tio Frankie acabou de me passar.

— E eu adorava dar esse passo contigo. Bolas, eu gostava de dar esse passo com qualquer pessoa. Até gostava de dar um passo na fila do supermercado, mas os médicos dizem que seria preciso um milagre.

— Tu percebeste o que eu quis dizer, miúdo — O tio Frankie põe a mão no meu ombro. — Este vai ser um dos dias mais felizes da minha vida. Preciso que estejas ao meu lado. A Flora também quer que tu sejas o meu padrinho. Se não fosses tu... o que vocês fizeram... eu e a Flora...

Agora começa a gaguejar. Fica com os olhos meio húmidos. Eu também.

— Eu alinho — digo, o mais depressa que posso, para que nenhum de nós se desmanche. — E vocês, por acaso, vão trocar ioiôs em vez de alianças?



— Talvez, miúdo — responde o tio Frankie com um sorriso e uma piscadela de olho. — Talvez, mesmo.

O tio Frankie e a Flora vão fazer um casal superfeliz. Correndo o risco de parecer lamechas, têm a sorte de ter encontrado alguém com quem querem passar o resto da vida. Pergunto-me se algum dia também terei essa sorte.

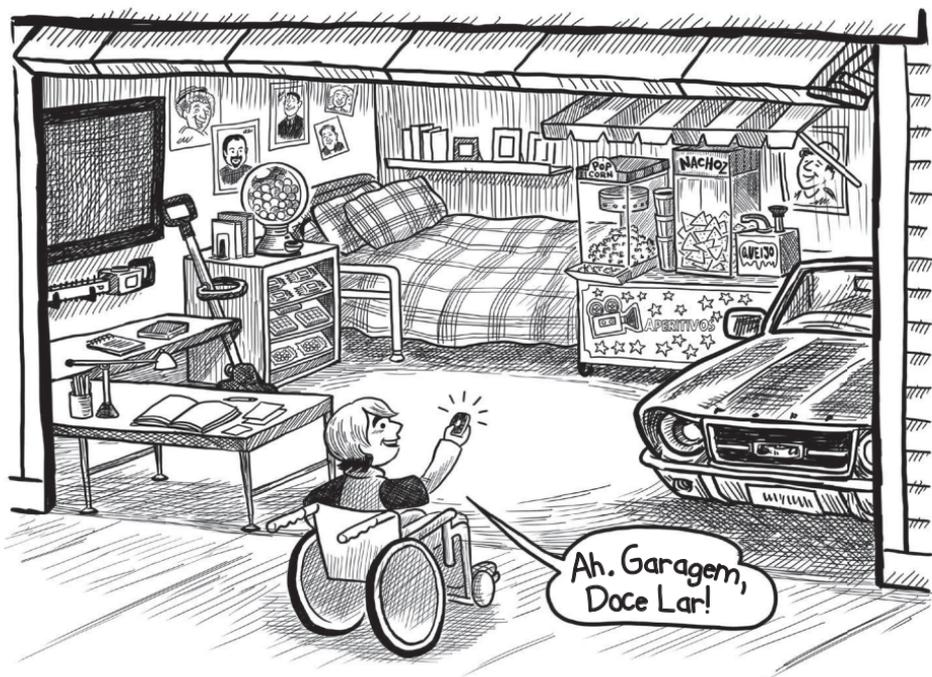
Ansioso por espalhar aquela boa notícia, despachome a ir para casa, para a Vila Sorrinhos, que é o que eu chamo à casa dos meus tios Kosgrovs. Chamo Sorrinhos à casa dos Kosgrovs porque nunca nenhum deles sorri. Nem mesmo o cão.



Lembram-se de eu dizer que o riso era a linguagem universal? Os Sorrinhos nunca receberam essa informação.

Desde que me mudei para Long Beach, em Long Island, não há muito tempo, que vivo com os Sorrinhos. Durmo na garagem, o que, por acaso, é espetacular. Não há degraus. Não preciso de rampa. Posso abrir a porta deslizante com um comando e entrar normalmente.

Além disso, transformei-a na minha caverna de miúdo, que é uma espécie de caverna do Batman,



só que melhor — tenho equipamento de jogos, um ecrã de plasma, toneladas de livros de anedotas e uma máquina de aperitivos de queijo.

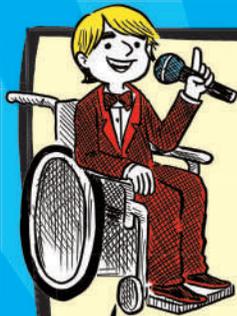
A Vila Sorrinhos é onde vive também o meu primo Stevie.

O Stevie Kosgrov.

Talvez já tenham ouvido falar nele. Ou tenham visto a cara dele num cartaz de «Procura-se».

Porque o Stevie Kosgrov tem o título de ser o maior *bully* da Escola Básica de Long Beach.

E eu tenho o título de ser o seu alvo preferido.



Quem é o CÓMICO mais CROMO e DIVERTIDO de sempre?



Até agora, sou **eu**, o Jamie...



... mas isto pode estar prestes a **MUDAR**, pois está para começar uma nova edição do Concurso do Miúdo Mais Cómico do Planeta. Esta será mais uma **oportunidade** para provar que eu sou mesmo o **melhor!** Só tenho de conseguir **convencer** o juiz. Ou, afinal, será que o meu êxito não é real e vou apenas provar que sou um **GRANDE FALHADO?**

Não penses,
no entanto,
que vou desistir!

O concurso está quase
aí e eu não vou só
entrar nele.

Vou entrar nele
para ganhar!

Conversa com o Jamie em

 omeujamespatterson

Não percas as minhas
aventuras anteriores!




livros que saltam à vista

20120 editora

ISBN 978-989-707-780-7

TT+



9 789897 077807

Literatura Juvenil